

Um governo ⁴⁴essencial precisa ter continuidade

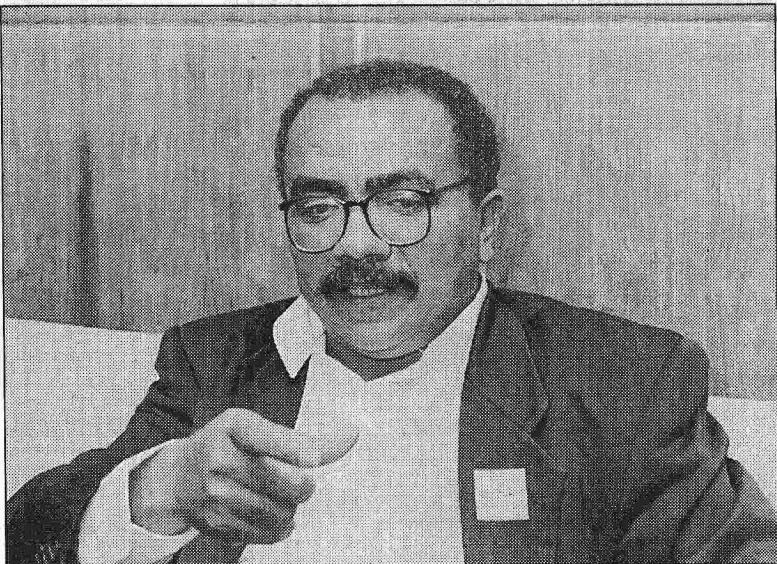
Não cabe a um governante fazer uma coisa ou outra, mas uma e outra, se todas forem igualmente essenciais. Ouvi isso do professor Cristovam Buarque, à época, reitor da UnB, discorrendo sobre a incapacidade de muitos governantes de agir sobre o essencial.

Faltam, acrescento, a esses governantes a coragem, a sabedoria e a vontade; sobra-lhes a picaretagem, a sujeição a interesses escusos e a omissão, para assumir, no sentido mais fundo da palavra, a sua missão, diante do povo e das coisas essenciais. A maioria dos governantes acaba sobrando dentro de sua própria pequenez, embora pareçam o contrário aos olhos das pessoas desinformadas, pela empáfia, pela arrogância e pela estampa falsificada que apresentam, toda ela entalhada nas suas oficinas de marketing.

Quando falou sobre o governante, Cristovam não sabia o que lhe reservava o futuro. Se soubesse, teria acrescentado que, no caso de Brasília, governar seria algo especialíssimo para o Governo Democrático e Popular (GDP). Significa, além de qualquer conceituação - dessas que filósofos e sociólogos adoram fazer - tirar uma cidade inteira do charco, da sujeira, do estado de picaretagem em que se encontrava. Uma cidade ameaçada e levada à exaustão de sua capacidade de suportar o desgoverno.

Quando vim para Brasília, nos anos 70, imaginava que as pedras que se punham no caminho da Capital da República fossem apenas as jogadas pela ditadura militar. Jamais pensei que a cidade que encamava o futuro e a modernidade, depois de retiradas aquelas pedras, viesse a se transformar na mais moderna picaretagem administrativa e no mais urbano coronelismo político. Se ficasse mais anos no Buriti, o Governo passado teria destruído Brasília, a contar pelo ritmo alucinado com que era desenvolvido o processo de deterioração da cidade.

Imagine o que significa construir inúmeras favelas e nelas colocar mais de 500 mil pessoas, à revelia de qualquer planejamento, sem saneamento, emprego, escola, saúde e segurança. Pior: dando a esses cortiços piores o nome de cidades. Foi uma bofetada no termo urbano. Uma imensa irresponsabilidade. Passamos a perder qualidade de vida com o aumento repentino e desordenado da população e com a não-correspondên-



cia das obrigações por parte do Estado, entramos no desgoverno. Os serviços públicos essenciais (saúde, educação e segurança) a incapacidade de gerar empregos para os novos moradores e a desesperadora falta de perspectiva de vida para os mesmos pioraram a vida da cidade.

O Governo Democrático e Popular assumiu sabendo do desafio de ser um divisor de águas e de reconstruir a Brasília ameaçada. E assim age. Por exemplo, está transformando os assentamentos criados pelo governo passado em cidades verdadeiras. Instala saneamento básico em todas elas e levará às suas populações, até o final da gestão Cristovam, 100% de água e esgoto. Isso é cidadania.

O GDP recuperou as estatais dentro de uma administração moderna e social. A Ceb e a Caesb, hoje, figuram entre as três primeiras empresas do gênero no ranking nacional. Não pára por aí. Uma pesquisa do MEC aponta a educação de Brasília, atualmente, como a melhor do Brasil. O programa Bolsa-Escola, reconhecido internacionalmente como um dos mais eficientes na área de educação do mundo inteiro, deu a milhares de crianças o direito antes negado de frequentar a escola.

A saúde, outro setor que se encontrava abandonado, recebe uma injeção de modernidade, associada a uma leitura social. Vem daí o atendimento domiciliar. Quanto à nossa segurança pública, está sendo recuperada e as suas instituições,

democratizadas. O GDF implantou a Polícia Comunitária, que atua, científica e humanamente, sem agredir o cidadão. É essa visão de humanidade que criou o programa Paz no Trânsito, de eficiência inquestionável.

São inúmeros os programas. Cito esses apenas a título de exemplos. Importa que todos trazem o sentido da essencialidade, a exemplo do que ocorre com as centenas de pequenas obras. Aliás, nunca um governo do DF construiu tanto. Em qualquer cidade, em qualquer direção, há obras. Todas essenciais. Falta citar outra grande obra do Governo Cristovam: o resgate da cidadania e do estado de seriedade. O Buriti não é mais um escritório de nego-

ciantes, a serviço de um coronelismo perigoso, que punha no colo um grupo de aproveitadores, usurpadores. Esta é uma grande obra, porque é igualmente essencial. Por conseguinte, teria que ser feita.

Por tudo isso, defendo a reeleição do governador Cristovam Buarque. O processo de mudança não pode ser interrompido. Correríamos o risco de dar um passo atrás, exatamente quando temos muito ainda a fazer. São todas obras essenciais, inclusive a consolidação do resgate da cidadania. E, como disse o próprio Cristovam, há anos, não cabe a um governante fazer uma coisa ou outra, mas uma e outra, pois são todas essenciais.

O GDF recuperou as estatais com uma administração moderna. A CEB e a Caesb figuram entre as três primeiras empresas do gênero no País